

# REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL  
DE TURISMO, PROPAGANDA,  
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE  
E LITERATURA ◻ ◻ ◻

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO V  
II SERIE

OUTUBRO 1920  
N.º 100

DIRECTOR : AGOSTINHO LOURENÇO

SECRETARIO : JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL : GUERRA MAIO

EDITOR : F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegouaria)

TELEFONE 2337 CENTRAL

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAPHICO COLONIAL—  
Largo Raphael Bordalo Pinheiro, 27—(Antigo Largo d'Abegouaria)

## O CONGRESSO TRANSMONTANO E A EXPANSÃO DO TURISMO

NÃO nos cabe fazer a descripção do que foi a realisação do 1.º congresso transmuntano, que indiscutivelmente marcou, por uma forma brilhante, a primeira etapa no regionalismo nacional.

Um facto de tanta monta para os destinos da Patria Portuguesa, não podia deixar de ter especial registo nas columnas d'esta Revista.

Não podemos, porem, alongar-nos em considerações; e, por isso, felicitando os seus promotores pelo bom exito alcançado, nos limitamos a uns leves reparos que, por nossa parte, não podiam passar em julgado.

E' certo que a tarefa a que se impoz a pleiade de transmuntanos que se abalançou á realisação d'esse importante congresso, era muito complexa.

Procurou-se, sem duvida, dar-lhe a maior função utilitaria, pela apresentação de theses que, pelo seu valor e interesse, despertassem uma forte reacção contra a apathia dominante.

Pelas conclusões d'essas theses, que

foram coordenadas em separata, vêmos, porem, que o pensamento da respectiva comissão executiva se circunscreveu positivamente á vida propria da região, não alongando a sua acção, por uma forma clara e positiva, ao intercambio de forasteiros e á importação de visitantes.

Assim, vagamente se falou na exploração da industria de turismo, sendo mais explicita a tal respeito, a these apresentada pelo sr. Dr. João Barreira, sem duvida um elemento social de grande valor, mas ainda pouco dado ás questões de turismo, como nos pareceu demonstrar na these que apresentou subordinada aos «Sindicatos d'Iniciativa» e de que apenas tivemos conhecimento pelas conclusões publicadas.

Este thema era suficiente para uma interessante propaganda sobre a industria das viagens se fosse apresentado por quem se tenha dedicado ao estudo das multiplas questões que ela envolve; e assim, a sua defeza não teve, certamente, aquele entusiasmo convincente que só é dado aos que, pelo continuo seguimento das diversas evolu-

ções do turismo mundial, teem encontrado n'essa portentosa industria as mais solidas bases d'uma incontestavel riqueza economica para os paizes que a sabem explorar.

Isto—bem entendido—sem por sombras ofuscar os talentos do sr. dr. João Barreira, que é muito erudito e um critico d'arte d'exceptional merecimento.

Certo é, porem, que alguns pontos sobre que incidiram as theses apresentadas n'esse Congresso, teem afinidades com as bases da exploração da vilegiatura. Isso todavia, não obstava a que eles fossem tratados mais concretamente, sob o aspecto da sua directa influencia na industria de turismo. E, sem duvida, d'esta forma, não haveria repetição d'idéas, mas, quando muito, a confirmação da sua benefica acção na dupla ou mixta applicação dos motivos que fossem visados.



Não é nosso intento fazer critica; unicamente desejamos que não nos seja assacada a responsabilidade de não ter sido apresentada a esse congresso uma verdadeira these sobre turismo, que outra occasião melhor não poderia haver para se produzir, como proveitoso e oportuno complemento da propaganda a que nos temos dedicado.

E para demonstrar claramente que a culpa não nos pode ser atribuida, a seguir transcrevemos a carta que, em devido tempo, endereçámos ao sr. Dr. José Pontes, que foi um dos grandes propagandistas do Congresso Transmontano.

Meu muito Caro José Pontes

Vendo pelo «Diario de Noticias» de hoje, o entusiasmo com que estás trabalhando para a realisação do proximo Congresso Transmontano, não posso deixar de vir, na minha qualidade de Secretario e Redactor da *REVISTA DE TURISMO*, apresentar-te, por esse facto, as minhas felicitações, as quais compartilharás pelos restantes organizadores d'essa bela idéa, oferecendo-lhes, tambem, todo o apoio e o melhor concurso da mesma Revista.

Como certamente terás já constatado, a *REVISTA DE TURISMO* interessa-se, em extremo, pela organisação de Congressos Regio-

naes, por vêr n'eles um poderoso incentivo e um forte esteio para o rejuvenescimento patrio. Assim, ser-lhe-ia imensamente agradavel poder registar que, em um dos numeros do programa dos trabalhos d'esse Congresso, figurava uma conferencia sobre o *TURISMO*, que é a fonte peréne da expansão do commercio, do progresso da industria o do desenvolvimento da riqueza economica dos paizes que conservam dentro de si o Capital-Beleza, que outro não ha igual ao nosso.

E' necessario que nos convençamos d'isso; como é tambem inadiavel que exploremos esse Capital, para o bem-estar comum.

Ora, a exploração d'esse Capital-Beleza, que até hoje tem sido, por completo, desprezada, só o Turismo a póde fazer com resultados inatingiveis. Porem, é-lhe absolutamente indispensavel uma grande, enorme propaganda, que muito proveitosa deve ser por intermedio dos Congressos Regionaes.

Ahi tens, meu caro José Pontes, a razão porque me permiti a liberdade de dizer que á *REVISTA DE TURISMO*, ser-lhe-hia muito agradavel constatar a inclusão, em um numero do programa dos trabalhos do proximo Congresso Transmontano, a que vens dedicando uma boa parte da tua actividade, uma conferencia sobre o *Turismo em Portugal*.

Creio não poder ter escolhido melhor pessoa para a sugestão d'esta idéa, que o teu grande patriotismo acolherá sem duvida com o entusiasmo que ela merece.

Se em mim puderes encontrar algum concurso, dispõe d'ele como te aprouver.

Crê-me, como sempre, teu velho amigo e confrade dedicado

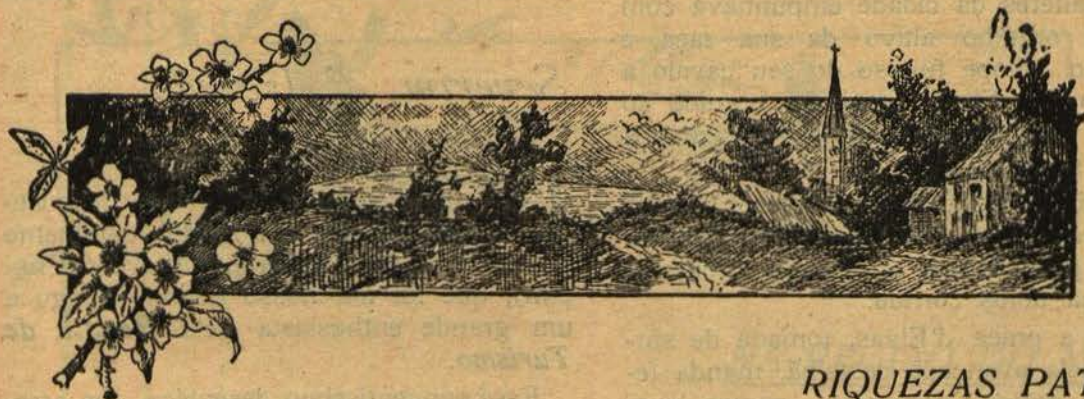
JOSÉ LISBOA

Lisboa, 14 d'Abril de 1920.



## EXPEDIENTE

**Tendo enviado novamente á cobrança, por intermedio do correio, os recibos dos nossos assignantes que não foram encontrados da primeira vez que foram solicitados para o respectivo pagamento, esperamos que, agora, esses nossos amigos não se recusem a satisfazer a importancia d'esses recibos, com o que demonstrarão o seu patriotismo, pois que a nossa Revista é uma publicação essencialmente patriotica cuja existencia é um seguro penhor do progresso do nosso Paiz.**



## RIQUEZAS PATRIAS

# CASTELOS DE PORTUGAL

**R**ETOMADO o comboio para Leste, este avança veloz entre o arvoredo moço que veste o soberbo vale do Tejo; e meia hora apóz, leva-nos a *Abrantes*, d'onde uma diligencia, por uma linda estrada arborizada, nos conduz á vila, que lá do alto, com o seu castelo, domina uma extensa planura de olivedos, alinhados como tropas em continencia.

Dois hoteis modestos, dão hospedagem com carinho familiar.

Da estação de Abrantes o comboio galga, por entre eucaliptos gigantes e searas sem fim, os 130 kilometros que a separam de Elvas, de cuja estação uma diligencia nos leva, em meia hora, até a heroica cidade, dando entrada pela velha porta de S. Vicente, atroando as frias muralhas, com o trotar dos cavalos nas largas lages do pavimento e, depois, nos vae levar a um dos hoteis da cidade, bem servido de mesa e bem limpo.

Elvas, apertada na sua cinta de muralhas, com o seu casario garrido de velhos traços mouriscos e fachadas caiadas de branco, em conjuncto com as ruas varridas e bem empedradas, conserva aquele realce de asseio que tanto caracteriza os povos alemtejanos.

Velam a velha cidade, n'uma adoração pagã, os fortes de *Santa Luzia* e da *Graça*, no alto dos montes visinhos, que

as oliveiras e os sobreiros parecem querer amortalhar no verde escuro dos seus ramos gigantes.

E a um recanto das muralhas o velho Castelo romano-arabe, ainda pouco corrompido pela larva dos anos, desafia a cidade de Badajoz, alastrada além na campina, onde o legendario cavaleiro luzitano, por amor da sua dama, foi arrancar na procissão de «Corpus-Cristi» o estandarte de Castela; o que, segundo a lenda, veio dar motivo ao brasão d'Elvas.

Essa lenda tragico-romanesca não deve ser lida em velhos alfarrabios, mas ouvida da bôca da mulher alemtejana, descendente da raça arabe, desaparecida.

— Era pois, dia de Corpus-Cristi. Um misterioso cavaleiro, ergue-se na sua montada e atira um grande adeus a uma dama, que assoma á gelosia do balcão d'uma moradia senhorial da velha cidade. A dama, de joelhos, fica resando a Deus pela sorte do cavaleiro, que vôa no seu ginete a Badajoz, onde a procissão passa, entre colchas ricas pendentes dos balcões, acompanhada pelos ricos homens da Extremadura, solemnes e dignos dentro dos seus vistosos fatos dos grandes dias. As damas com os seus melhores vestidos, resplandecem ao sol ardente d'aquella dia de primavera.

«Subito, o cavaleiro portuguez arranca,

de um golpe, o estandarte de Castela que o alferes da cidade empunhava com todo o orgulho altivo da sua raça, e parte no galope fugoso do seu cavalo a caminho de Elvas, pavilhão erguido ao vento e alma ansiosa por o vir rojar aos pés da sua dama.

«O ginete por vezes arrefece, mas a malta castelhana, que segue o audaz cavaleiro para vingar a afronta, mais o anima na doida corrida.

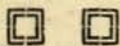
«Mas a praça d'Elvas, tomada de surpresa pela avançada castelhã, manda fechar as portas, erguer as pontes levadissas; os sinos tocam pressurosos a rebate; os besteiros tomam posição nas ameias prevendo o assalto castelhano. Todos os rostos empalidecem. A dama misteriosa, do seu balcão, roga a Deus pelo cavaleiro, que já chega ás muralhas; mas a primeira porta fechada, faz com que ele corra á segunda, á terceira e todas trancadas, que depois de trez baldadas voltas á praça, atira pelas muralhas o estandarte, bradando, rouco, febril: «Ahi o tendes, cobardes».

«Esporeia o ginete e corre em direcção a Extremoz, mas a montada esfria, os castelhanos alcançam-no, e com eles trava lucta, heroica e desesperada; a sua lança faisca ao sol, em arremetidas vibrantes, até que o adversario derruba, com um formidavel golpe, cavalo e cavaleiro.

Do balcão misterioso um lenço branco agita-se no ar. A dama cujo amor levava á perdição o cavaleiro audaz, ajoelha e reza, ele atira-lhe o ultimo olhar; e após uma lucta, arca com arca, com o cavaleiro que o derrubara, sucumbe, não sem ter cravado o seu punhal na gorja do adversario.»

D'esta lenda uma tradição ainda restava a pouco:—no dia de «Corpus Christi» emquanto a procissão percorria as ruas de Badajoz, Elvas fechava as portas das suas muralhas.

GUERRA MAIO



## Severim d'Azevedo

**E'** com verdadeiro e sentido desgosto que registamos a morte do brilhante jornalista Eugenio Severim d'Azevedo (Crispim), que foi um nosso querido amigo e um grande entusiasta pela *Revista de Turismo*.

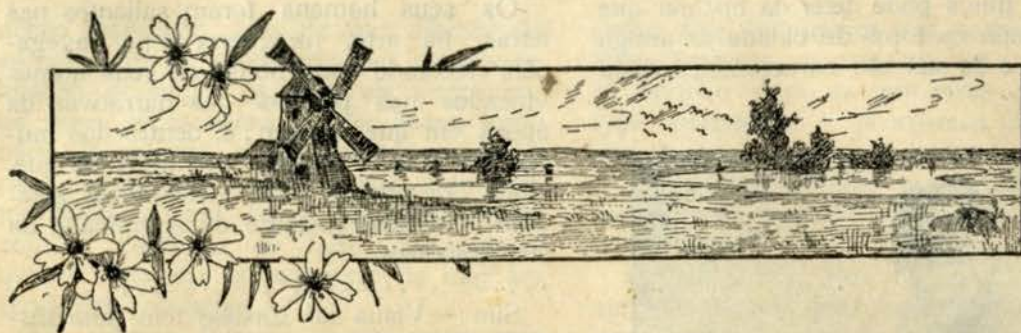
Esse pungentissimo desenlace, que arrebatou na flôr da vida um verdadeiro espirito e um talento de aquilatado valôr, causou-nos a mais desolada tristeza e a mais funda magua, deixando-nos um sulco de imperecível saudade.

Severim d'Azevedo era tão conhecido e estimado pelas suas excelsas qualidades, como justamente foi apreciada toda a sua obra literaria, que foi vasta e constitue o seu melhor monumento.

Não nos permitem o espaço e a indole d'esta Revista, mais do que este singelo registo, que é o nosso preito respeitoso e comovido á memoria saudosissima d'essa brilhante figura do jornalismo contemporaneo.

A sua desolada e veneranda mãe, e ás suas extremosas viuva e filha, a *Revista de Turismo* apresenta a expressão sincera do seu pezaroso sentimento.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.



NA REGIAO DO MINHO

*VIANA DO CASTELO*

O desejo insaciável de conhecermos mais intimamente a vida, os prazeres, as ocupações, as belezas, enfim —

dicionaes festas da Senhora da Agonia que, com a maior pompa, se celebraram n'essa magestosa e invejavel Rainha do



VISTA GERAL

todos esses inegalaveis encantos que se escondem na mais sonhadora provincia de Portugal, que é o Minho, levou-nos este ano a visital-a por ocasião das tra-

Lima, que se chama Viana do Castelo.

Ocupamo-nos hoje tão sómente d'ela como um tributo que amorosamente pagamos, porque ninguem melhor do que um

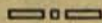
dos seus filhos pode dizer da historia que deu a Viana os foros de cidade de antiga linhagem e da sua tão caracteristica festa anual.



UMA CERAMISTA

Por isso damos logar a um artigo escripto por ocasião da romaria d'este ano, com o sabôr intraduzivel d'uma linguagem sã, onde a visão patria e a verdade real e pura se casam na mais atrahente descripção.

No proximo numero inseriremos a historia das festas da Agonia; e, a seguir, as nossas proprias impressões, se a tanto nos chegar engenho e arte...



A historia antiga d'esta povoação tem mais titulos do que a sua historia moderna. Foi notavel o seu comercio e a sua industria e aos grandes senhores, os reis de outros tempos, ela mereceu distincções especiaes.

D. Afonso III deu-lhe dois forais; D. Manuel I e D. Sebastião lhe outorgaram o titulo de notavel.

Os seus homens foram salientes nas letras, na arte, na guerra e na navegação, deixando com honra os seus nomes vincados nas páginas das narrativas da época em que viveram; e, dentro dos muros da cidade, existem monumentos que, ainda por muitos anos, atestarão ás gerações vindouros bastante do significado da sua grandeza.

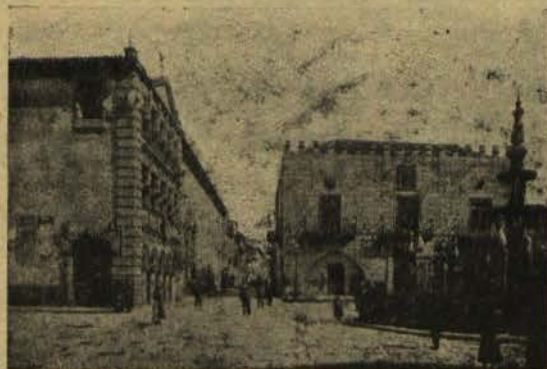
.....  
 Sim:—Viana do Castelo tem uma historia e encantos naturaes que a levantam a uma altura dominante.

¿ Como será o seu futuro!?

Se possuisse os dotes suficientes para vo-lo descrever tal como o prevê e traça o meu espirito, vós, illustres visitantes, depois de lêrdes esta modesta e desgraciosa resenha, irieis pr'as vossas terras convencidos, como eu o estou, de que esta cidade, sem duvida uma das mais encantadoras de Portugal, vos deve oferecer amanhã, além do espectaculo das suas belezas naturaes, a impressão da sua riqueza, do seu progresso, do seu conforto e do seu resurgimento pelo trabalho, aproveitando as suas multiplas fontes de vida.

Não me chameis visionário por pensar assim.

Á vossa inteligencia esclarecida não pôde escapar a importancia intrinseca,



EDIFICIO DA CAMARA

não só para nós mas para toda a região minhota e até para o Paiz, do que venha a sêr, após a sua proxima conclusão, o

nosso magnifico porto de mar, oferecendo entrada ampla a embarcações de grande lotação, possuindo os seus cais acostáveis, as suas docas sêcas, o seu plano inclinado de limpeza, o seu anteporto especial para barcos de pesca, a sua doca para traineiras, o seu ramal de comunicação com o caminho de ferro, tudo emfim quanto interessa a um porto de mar em condições modernas.

Da mesma fôrma e consequentemente impõe-se acreditar aos mais *scépticos* que este melhoramento, em laboração rápida, acarreta consigo um desenvolvimento sem-

como não ha melhor nas nossas costas. Está prompto o projecto, está em cofre o dinheiro para as primeiras casas, em typo portuguez e já aparece quem solicite terrenos para lá construir.

Essa nova cidade, a cidade do descanso e do repouso, será um factó dentro em pouco.

Depois d'isto, devemos contar com o aproveitamento dos nossos sitios de beleza, onde a paysagem policrómica do risonho Minho resaltarà luxuriante e acessivel ao *turismo* nacional e estrangeiro, tornando-nos visitados como lá



UM RANCHO DE VIANENSES

pre crescente das nossas industrias, onde figuram as construções navaes, pescarias, cerâmica, conservas, tecelagem, moagem, serragem, etc., todas favorecidas por esse importantissimo factor industrial da energia electrica, em larga escala, que já possuímos.

Por outro lado, activa e confiadamente se trabalha na fundação d'um grande bairro balnear, com características e modernas habitações, na margem esquerda do Lima, onde possam com grande conforto, em condições unicas, ser aproveitadas as vantagens da praia do Cabedêlo, que nos oferece uma bahia magnifica,

fóra o são tantos e tantos pontos para os quaes a Natureza foi bem mais avára do que para nós.

Tudo isto, claro está, n'um futuro mais ou menos proximo, terá o auxilio poderoso da tração electrica districtal, cuja realisação tem de romper de qualquer fôrma... ou a bem ou a mal.

É o quanto, illustres visitantes, saudando-vos, augura o mais modesto representante da Camara do Concelho de Viana do Castelo.

RODRIGO ABREU



## ARTE E LITERATURA

## SONETO

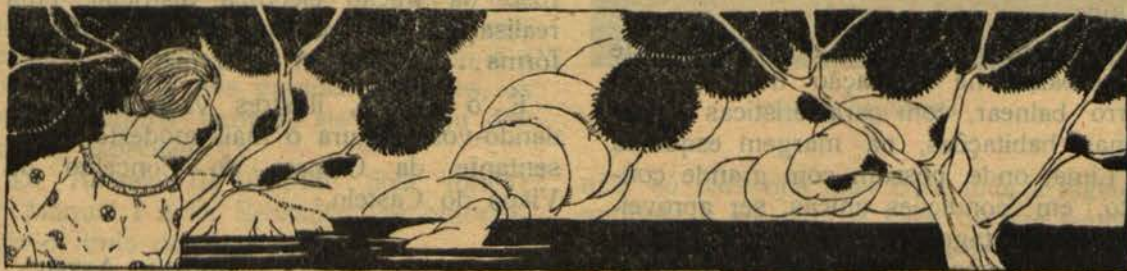
POR FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

*Palavras não são mais do que clarões, cuspidos  
sobre a lama que leva em seu costado o ar...  
Não fez Deus as palavras para os teus ouvidos ;  
não as forrou de sol para eu lhes ir falar.*

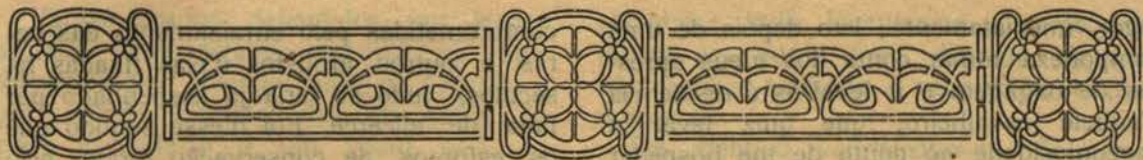
*Mendelsohn escreveu sem palavras : doridos,  
teus dedos de marfim souberam-o escutar...  
Calado é que me ouviste estes longos gemidos  
que queimam o papel, onde os passo a chorar !*

*Palavras ? Para quê ? Não tem um grito a chama  
no crepitar azul da boca triunfante ?  
E não fala no olhar o ardor de quem se ama ?*

*Nas palavras vem já a alma arrefecida,  
e se a palavra brilha é sol para um instante !  
Só no silencio eterno é que rutila a Vida.*







## ALGUMAS HORAS NA VILA DA FEIRA

**P**OR um triz que não passo a estação da Feira!

Eu, com cuidado e com o guia em punho, ia observando no comboio, pela primeira vez, as paisagens que se observam ao longo da linha do Val do Vouga e calculava, ao vêr uma povoação assás espalhada pelo campo, que seria depois

dôce, especialidade do sitio, para a minha coleção.

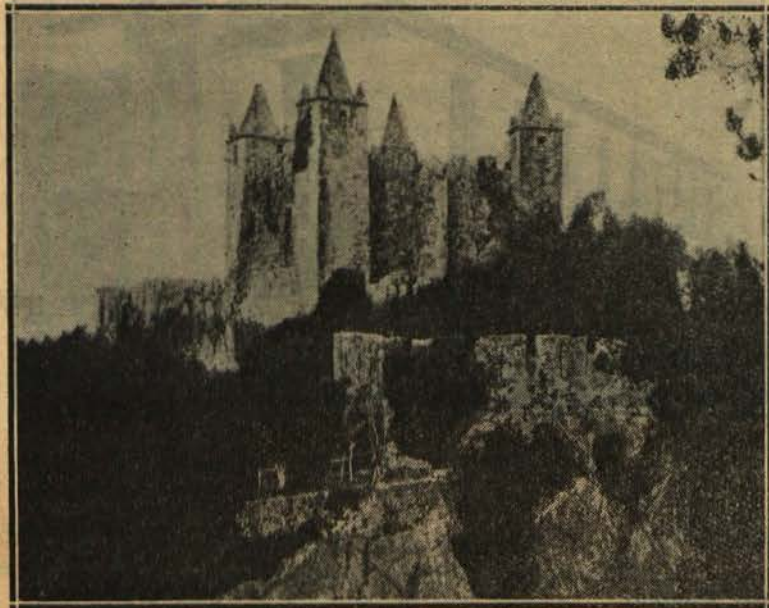
Quasi ao mesmo tempo, d'um grupo de pessoas de distinção, que se achava na gare, ouvi perguntar pelo meu nome. Intrigado, chamei a atenção d'esse grupo, declarando a minha identidade. Então um dos cavalheiros exclamou: o sr. é que é Ribeiro Christino? — Eu proprio, respondi; então apeie-se já, retorquiu, pois está na Vila da Feira e o comboio vae partir.

Rapidamente agarrei na minha pequena bagagem e saltei lesto para o chão. Era tempo, pois ouviam-se já os signaes de partida e o comboio recommçava o seu andamento. Foi assim, com este episódio um tanto cómico, que tomei conhecimento com a notavel Vila da Feira.

Por fortuna, o cavalheiro que por mim perguntava era o sr. Dr. Aguiar Cardoso, médico da localidade e illustre secretário perpetuo da Comissão de guarda e conservação do Castelo da Feira, uma fortaleza antiga,

da qual eu agora via o elegante perfil no alto d'um monte. Tinha sido por cartas de convite, trocadas anteriormente com aquele cavalheiro, que ele me fôra esperar á estação, a fim de que eu pudesse visitar aquela mui notavel fortificação medieval.

Não podia, afinal, eu ter melhor *cicerone* para me guiar na visita, a qual por indicação do mesmo sr. Dr. Cardoso, teve



CASTELO DA FEIRA

d'aquela a seguinte estação, que fôsse o terminus da minha jornada, ou seja a Vila da Feira, onde me dirigia. Por fortuna, o comboio demorou-se um pouco mais ali; e admirava eu extensos campos plenos de milharaes, quando um pregão qualquer me chamou a atenção, e fez com que eu da carruagem me debruçasse, afim de adquirir mais algum bôlo ou

logar imediatamente; isto depois de uma camponesa tomar conta dos meus apertos de bagagem e ir levá-los á residência d'aquela cavalheiro, que quiz levar a obsequiosidade ao ponto de me hospedar em sua propria casa.

Eis-nos ante as bem apumadas muralhas da velha fortaleza medieval, emergindo do meio de cerrado arvoredo e na qual uma ampla porta ogival, lhe dá ingresso e imprime um acentuado cunho gótico. Sobre essa porta salienta-se n'um escudo, uma cruz aberta pelo meio, e floreteada, indicando ter sido ali a residência feudal dos Condes da Feira; esta ergue-se, já muito arruinada, á esquerda do caminho da entrada; é uma construção seiscentista, de um andar nobre e assente em arcarias, em que estas e as desconjunctadas janelas já fóra da linha de gravidade, ameaçam abater, pelo que a illustre comissão pensa em as derruir por completo, para assim ficar desafrentada a frente do Castelo; tanto mais que um pouco ao lado, ergue-se ainda o Paço velho, a residência dos primitivos Condes, a que uma ou outra ogiva dão a nota da antiguidade, tendo o escudo feudal encimado de vizeira e timbre, em que a cruz floreteada se vê ladeada de duas azas, pelo que tudo, pela sua antiguidade histórica, merece ser restaurado.

A característica do magestoso Castelo da Feira, e que lhe dá singular nobreza, são os seus quatro cubelos, ou torres, um a cada angulo, cada qual rematado por cupulas cónicas, e tendo estas por sua vez outras quatro pequenas pirâmides, o que tudo ligado por fortes muralhas tornam interessantissimo o aspecto de conjuncto da notavel fortificação.

Eu agora admirava a rigorosa verticalidade das torres, quando o Dr. Aguiar Cardoso me explicou, que se não fóra a consolidação, que se lhes fizera, das bases,

comprometidas pelo enraizamento das heras e outros arbustos n'elas fixadas ha seculos, tudo se teria já despenhado por falta de alicerce. Foi n'esse sentido que os esforços de conservação foram, pelo visto, inteligentemente dirigidos, o que se conseguiu por auxilios pecuniários officiaes e primeiro particulares, de pessoas que se interessaram por aquela soberba reliquia de outras éras.

Recordo aqui que foi por falta de identica iniciativa e interesse, que um dos mais interessantes cubelos do Castelo de Obidos se despenhou pela encosta oeste, ao qual a base faltou, e que hoje de todo desapareceu.



PAÇOS ARRUINADOS DOS CONDES DA FEIRA

Naturalmente foi por nós visitado em todos os sentidos o venerando Castelo da Feira. Assim, por funda escada de mal desbastados degraus, descemos a uma enxovia onde, por seteiras, se defendia a porta da Traição. Quasi todos os castelos portuguezes tem sempre uma porta da traição, porta que tanto podia ser a favor dos sitiadores como —ao contrario— dos sitiados, como aqui na Feira, em que os defensores, no subterraneo a que descí, e de outro ou mais lados fronteiros, alvejavam resguardados, do ataque dos de fóra, os que irrompessem pela famosa porta, não podendo escapar um que pudesse ir gabar-se da proeza.

Varios eirados defendidos por largas ameias, tendo seteiras em cruz, se veem dispostos por diversos lados do Castelo; e por escada interior, das chamadas de pião, ascende-se a um vasto salão de armas, o unico da fortaleza, *aguentado* por trez ordens de ogivas, *augere*, apoiadas em singelas misulas.

Ainda pela mesma escada de pião chega-se ao eirado do alto do Castelo, d'onde a vista gosa belas perspectivas sobre a Vila e seus campos largamente cultivados. N'um dos lados, entre dois dos pináculos das torres ou cubelos, e salientando-se da muralha, divisam-se *maçhicoluis* ou aberturas por onde os

alicerces; indo levantar-se o projectado chalet em ponto mais distante, em que não ficasse occultada a veneranda reliquia medieval.

De identico vandalismo se não livrou o já citado Castelo de Obidos, pois uma barraca género pombal foi anexada a uma das muralhas; o que sugeriu a um dos mais distinctos poetas modernos uma satirica e bem ajustada quadra a tal respeito.

Sem favor, posso asseverar que o Castelo da Feira, além do seu grande interesse como antiga architectura militar,—é decerto o mais estimado e bem conservado entre os que já tenho visitado, e não são eles poucos;—isto afinal, mercê do interesse e dedicação que uma comissão local para o guardar e conservar, lhe tem dispensado.

Oxalá que a outros exemplares monumentaes das antigas épocas históricas, outros nucleos de dedicados vizinhos lhe tivessem evitado ou evitem o descalabro e ruina.

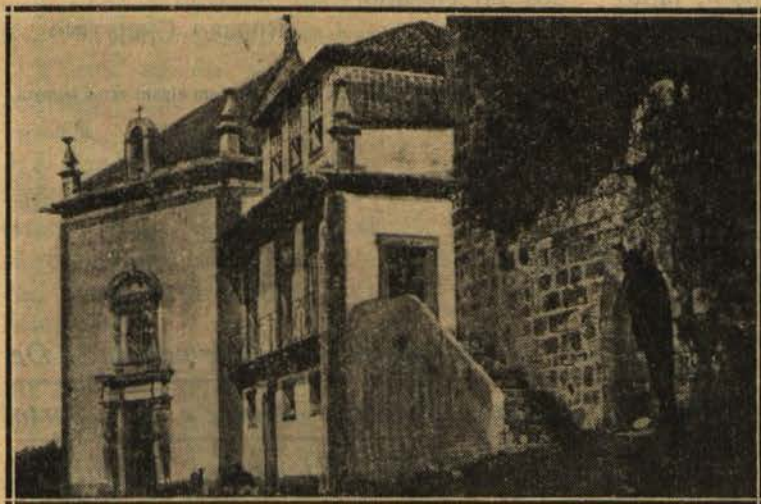
Anexado á parte exterior dos muros de entrada do Castelo da Feira existe uma pequena capela seiscentista em fórmula de charola, de seis faces, com simples adornos de talha

e de pintura da época nos singelos altares.

Na Vila da Feira sobresaes tambem a ampla igreja parochial com uma elevada e bem architectada fachada, que duas torres sineiras airoosamente ladeiam, toda em estilo clássico, e a que um revestimento de azulejos dá original aspecto.

Alguns bons edificios de moradia se observam principalmente na chamada Rua Direita, a qual, como succede na maioria das povoações portuguezas, é sempre a mais tortuosa.

Da interessante Feira e do illustre secretario da Comissão protectora do seu



CAPELA E PORTA DO CASTELO DA FEIRA

defensores do Castelo deitavam gorduras e pêz a ferver sobre os assaltantes.

D'aquella altura me foi mostrado, pelo meu erudito guia, um caso deveras curioso, que a principio muito contrariou a illustre Comissão do Monumento, o qual foi o começo de construção de moradia, género *chalet*, que quasi junto ao Castelo da Feira um particular ricaço pretendia levantar, occultando portanto em parte a velha fortaleza. Afinal a indignação que o projectado *Monumento*, moderno estilo, suscitou na localidade e tambem, o ter o auctor desistido a tempo da sua idéa, fez com que a obra não passasse dos

Castelo, grato me despedi na manhã seguinte, e no regresso passei ainda algumas horas na alegre Espinho, a marítima estância balnear, vendo-se disposta a povoação em compridos arruamentos paralelos uns, e outros perpendiculares á costa, dos quaes alguns, nos ultimos anos, tem sido devorados pelo mar em consecutivas derrocadas.

Na sua vasta e extensa praia, em que imponentes ondas se desfazem em brancas espumas, alinham-se pelo outomno regulares grupos de barracas de banhos; e surprehende-nos o ouvir com insistencia o falar hespanhol da maioria dos banhistas; pelo que se vê que os nossos visinhos de além da raia estimam, tanto ali, como na Figueira da Foz, passarem a temporada de banhos na portugueza costa de mar.

Bandos de guinchadôras gaiotas per-

corriam o ar por sobre as aguas, com lento movimento das suas azas; uma porém mais infeliz, vi-a agarrada pelo rapazio, que durante horas a moeu, divertindo-se a atirar ás ondas a desgraçada ave, muitas vezes consecutivas, ou correndo com ela dois dos garôtos, suspendendo-a cada qual por uma aza, em grande alarido, ao longo da praia.

Ao largo passa por vezes um veleiro ou um vapôr, que a distancia torna diminutos, emquanto na praia, alongando-se em curva na distancia, muito ao longe para o norte, se avistam os variegados pequeninos grupos dos chalets da Granja, como que esfumados pelos nevoeiros vindos do Oceano.

RIBEIRO CHRISTINO.

N. B. — O meu anterior artigo sahio com alguns erros typographicos que o leitor decerto emendou.

R. C.

## CARTAS DE PARIS

*Um passeio pelas praias da Normandia — De Rouen a Dieppe — Fecamp — Havre e o seu porto — Trouville e Deauville — Hougat e Cabourg —*

*A nossa Figueira da Foz*

**D**ISPUZ-ME este verão a visitar as praias da Mancha; e começando em Dieppe, fui acabar em Cabourg. Em todas tive ocasião de apreciar quanto póde a tenacidade humana, pois se n'alguns a natureza é ingrata, outro tanto não acontece á mão do homem, que fez, em costas feias do mar e em praias de cascalho, lindos recantos onde reina a harmonia do conjuncto.

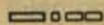
De Paris a Dieppe a viagem foi feita — parte em comboio, — parte em automovel; pois em Rouen esperava-me um amigo

querido com o seu magnifico «Brazier» de 40 cavalos, para nos fazer girar pelas estradas assombreadas da Normandia, com uma velocidade, por vezes, de 100 kilometros á hora.

Rouen é uma cidade progressiva. O seu porto, feito do Sena, é d'uma grande importancia, podendo receber navios até 10.000 toneladas. Ao longo do caes os armazens e as oficinas, envoltas por vezes, n'uma nuvem de fumo, dão ao viajante a impressão d'uma cidade carvoeira ingleza.

Altas torres de cathedral, empinadas em flechas agudas ao Céu, tiram um pouco o aspecto sombrio da cidade. Os arrabaldes

plenos de verdura e polvilhados de casas simples, dão um pouco de alegria ao conjunto citadino.



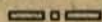
Mas o tempo era pouco e era preciso partir, porque tínhamos setenta kilometros a vencer até Dieppe, onde um almoço que lá nos esperava, fazia esquecer a magnífica paisagem normanda que o automovel ia desenvolvendo e que se apresentava sempre com novos aspectos.

Uma hora depois, entramos em Dieppe, velha cidade marítima, mas com um bairro novo e uma extensa praia sobre o mar.

Um magnífico casino ao fundo da larga explanada é rodeado por excelentes hotéis d'un luxo oriental e atraente.

N'uma rápida visita á Cidade, pude constatar que a sua maior importancia vem-lhe, certamente, de ser o ponto d'uma das ligações de Paris com a Inglaterra, cuja via marítima é mais extensa, três horas; mas, em compensação, a parte terrestre franceza é bastante mais pitoresca; o que leva muitos viajantes a preferirem-n'a.

Ali notámos, porém, uma certa perfeição no serviço de passageiros, os quaes passam do comboio para o caes, e d'este para o vapor, sem o mais ligeiro incomodo e com toda a facilidade.



Vista Dieppe, abalámos para Fecamp, —patria do celebre Benedictine— agora por uma estrada ondeante, ora mergulhando entre diversas sebes, ora descortinando o mar onde pequenos barcos de pesca punham deliciosas manchas n'esses quadros bem curiosos e pitorescos.

Pequenas aldeias apareciam pelo caminho. Estradas de serviço, bem conservadas, cruzavam a nossa.

Em todas verificámos a existencia de placas mantidas pelo Touring-Club, indicadoras dos kilometros, direcções e altitudes.

Os campos achavam-se cheios de pomares rodeando velhas abadias; ranchos

de raparigas de mãos dadas, divertiam-se, gozando esse belo domingo.

A' nossa passagem saudaram-nos carinhosamente, com um ar atraente.

Carrinhos de um só cavallo, que mansos como cordeiros obedeciam facilmente ao freio, eram guiados por mãos femininas, afastando-se cuidadosamente para nos darem passagem.

Tudo se envolvia n'uma santa paz campestre, convidando-nos a reduzir a velocidade do auto, para melhor saborearmos aquela seductora tranquillidade.

Chegámos a Fecamp.

Á cidade está dominada pela alta torre da fabrica do «Benedictine» a cujo portão nos apeámos. Um guarda, amavel e bem educado, levou-nos ao primeiro andar para nos mostrar as velhas alfayas dos frades do extinto convento, descrevendo minuciosamente as epochas e factos notaveis d'aquela recolhimento. Porém, a nossa maior admiração foi na cópa—queremos dizer—n'uma pequena sala onde estão emprateleiradas as falsificações encontradas em varios mercados, algumas bem pouco parecidas com as bojudas garrafadas do famoso licor.

Fécamp tem tambem a sua praia, toda de cascalho, em pedras grossas, algumas d'elas com mais de dois kilos de peso. Todavia isso não impedia que, á hora a que ali chegámos, pés bem delicados de gentilissimas mulheres se confundissem n'esse piso algo excentrico.

De Fecamp a Rouen por Cany, são umas fartas 20 leguas, mas por uma estrada deliciosa — como de resto são todas as da Normandia.

O pitoresco da paisagem, agora ainda mais vivo pelas scintilações d'um pôr de sol original, fizeram-nos esquecer esse longo caminho.

Ao anoitecer entravamos em Rouen, onde no dia seguinte, bem refeitos da viagem, fomos ao Bon Secour, gosar um delicioso panorama da cidade, que está situado em amphitheatro sob uma paisagem soberba.

Um dissabor, porém, nos estava reservado, para remate d'esta jornada. Foi o caso que o nosso entusiasmo por Gus-

tavo Flaubert, nos levou a procurar a estatua que Rouen, sua terra natal, lhe erguera, e que supunhamos tão grande como a sua vasta intelligencia.

Ninguem ali o conhecia; ninguem dava conta, nem do nome, nem do monumento de tão afamado escriptor. Após muitas pesquisas, lá o descobrimos, sobre a tristeza d'um pobre pedestal, encostado á parede d'uma velha egreja, com uma arvore na frente a... cobri-lo por completo.

Quasi nos sentimos arboricidas! A nossa vontade era abater aquela colossal montanha verde que encobre, com os ramados ramos, uma das mais puras intelligencias da França!



A beleza artistica das praias de Dieppe e Fecamp, fez-nos apeterer uma visita a Trouville, Deauville e Cadourg. Por isso a viagem foi estendida ao Havre, onde pudemos apreciar o seu grandioso porto (grandioso só nas suas imensas docas, porque o resto é bem pequeno) e onde estavam atracados os maiores vapores francezes entre elles o «France», de 21.000 toneladas, e que comporta dois mil passageiros.

O Havre é uma cidade antiga, com uns bairros novos muito interessantes, sobre tudo Saint Adresse sobre o mar, d'onde se disfructa uma magnifica vista da cidade olhando da embocadura do Sena.

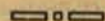
Do Havre a Trouville vae-se em vapor, cuja passagem custa apenas 4 francos; mas com um suplemento de um franco por um banco, áquelles que não quizerem ir de pé...

Trouville é uma bela praia, com magnificos edificios sobre o mar, com um vasto casino, uma ampla explanada, e tem por visinha a aristocratica Deauville, mais alegre ainda com as suas edificações normandas, os seus jardins floridos que lhe dão o justo nome de *Praia florida*.

Ali notámos a harmonia do conjuncto, elevada ao extremo, pois não ha um só edificio que o transtorne.

Em tudo, porém, se nota um luxo descomunal e uma vida verdadeiramente principesca.

Os hoteis de primeira ordem, tambem no estylo normando, são magnificamente situados. O casino é das mais belas edificações que temos visto no genero.



A seguir a Deauville fomos a Viller Surmer, uma praia mais recatada; e mais adiante Houlgate, linda, tambem, situada a meia encosta, com as edificações bordadas de verdura, altos pinheiros mansos a guarda-las e uma grande alegria a envolver tudo, que os ranchos de mulheres sobre a areia, vaporosamente vestidas, mais enebriavam.

Resta-nos ainda Cabourg, a 2 kilometros de Haulgate, um tanto parecida com Trouville, mas com a praia de mais fina areia.

Uma vasta explanada abre-se sobre o mar; e uma fileira de belos edificios dão-lhe um superior conjuncto.

D'entre eles destacam-se um grandioso hotel e um grande casino, onde então se dançava animadamente.

Por traz d'estes, uma praça, apertada entre lindas edificações normandas, oferece, com o seu jardim tranquilo, um local delicioso para repouso, abrigado dos ventos, que uma duzia de pinheiros mansos, no seu eterno meditar, enchem levemente de melancholia.

São pois cinco lindas estações balneares, em vinte kilometros de costa maritima, que bem faz lembrar a nossa Figueira da Foz, menos feliz do que elas, pois que se n'ela a Natureza foi prodiga, outro tanto não se póde dizer da iniciativa do homem, que a tem deixado em um abandonado desprezo.

E' portugueza e basta...

Paris = Setembro 1920.

GUERRA MAIO



## NOTÍCIAS DIVERSAS

### Mapa de Portugal

HA, na Europa, varias casas editoras de cartas geographicas, e quasi todas põem á venda mapas de Portugal, da Peninsula Iberica e da Europa em geral. Sucede, porém, que em qualquer d'elles, o nosso Paiz está em manifesta inferioridade, pois faltam-lhe linhas ferreas, que estão feitas ha dezenas de anos, e muitos outros elementos de grande importancia, quer no campo comercial, quer nos turistico e artistico, o que dá ao estrangeiro uma nota bem triste do nosso desleixo.

A Sociedade Propaganda de Portugal, conhecedora do caso, vae, por intermedio do seu «Bureau» de Paris, fazer corrigir esses erros, para o que está negociando com as varias casas editoras d'aquella capital a fim de que nas proximas edições, o nosso Paiz seja devidamente indicado.

N'esse sentido obteve já da importante casa «Société Edritice Geographique» que nos mappas de Portugal, da Europa e no Mapa Mundi, em organização, o nosso Paiz venha perfeitamente actualisado tanto na parte continental como na insular e colonial.

### Linha do Vale do Tamega

NA linha do Vale do Tamega vão muito adeantados os trabalhos de assentamento da via entre Amarante e Gação, na extensão de 5 kilometros, e bem assim as terraplenagens do troço seguin-

te: Gação a Chapa (8.700 kilometros), estando já concluida em grande parte.

Para o proseguimento procedeu-se tambem já aos terraplenos e obras de arte até Codeçoso (13.520 kilometros), e espera-se dentro de dois annos levar a linha até ao seu terminus (22 kilometros — Freixieiro — Celorico de Basto).

### Hoteis de Santo Tirso

#### A SUA MODERNISAÇÃO

O caso da Propaganda de Portugal ter concedido a sua placa de «Recomendado» ao bonito e confortavel hotel construido na pitoresca estancia minhota das Caldas da Saude, meteu em brios os hoteleiros da visinha vila de Santo Tirso, os quaes, servindo aos seus hospedes uma excelente cozinha, justamente cantada em alguns romances e novelas de Camilo, alojavam-nos, comtudo, em verdadeiras estalagens, onde turistas civilizados não podiam pernoitar! Dos dois principaes hoteis de Santo Tirso, um d'elles acaba de reabrir em uma casa nova, e além das instalações sanitarias (casa de banho e retretes) modelares, apresenta uma bela sala de jantar, tendo os quartos do primeiro andar muito bem mobilados á moderna e todos com agua corrente nos lavatorios. O outro hotel reconstrue-se em predio proprio e segundo um projecto, de architectura minhota e arte nova, no qual estão previstas algumas exigencias da moderna hotelaria.

Esperamos que este exemplo sirva d'incentivo para que outros hotéis se remodelem e se apresentem aos viajantes como um bom sitio de descanço.

Hotel Modelo e Estancia de Repouso e Convalescença em Fafe

NA linda vila de Fafe, cuja situação é já muito recomendada pelas sumidades medicas, vae em breve adaptar-se a estancia de repouso e convalescença, o *luxuoso chalet* adquirido pelo incansavel negociante sr. Gaspar da Costa.

Para a realização de tão avultada empreza, constituir-se-ha em breve, uma companhia com capitaes suficientes, afim do que nada ali falte de conforto, consentaneo

com as condições especiaes d'aquela clima.

Para esse efeito estão já adquiridos: o predio, camions e automoveis, e em breve esse util melhoramento será um facto, o que muito contribuirá para o desenvolvimento do Turismo n'aquela risonha vila.

Novo Hotel na Praia da Rocha

POR um recente decreto Ministerial, foi auctorizada a Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal a construir um grande Hotel na linda Praia da Rocha, proximo de Portimão.

E' escusado encarecer o alcance d'esta medida que, além de constituir um justo beneficio para aquella Praia, proporciona á sua já avultada população balnear mais um utilissimo atractivo.

REGISTO

O CONDE DE FARROBO MILIONARIO E ARTISTA

POR EDUARDO NORONHA

TEMOS sobre a mesa os dois volumes, *O Conde de Farrobo e Milionario Artista*, este seguimento d'aquela, que Eduardo de Noronha, n'uma esplendida edição de João Romano Torres, acaba de lançar no mercado.

Nas interessantes paginas d'esses dois volumes o seu brilhante auctor transporta-nos á epocha de 1820 — ha um seculo passado — transmitindo-nos, com verda-

deira arte, as phases emocionantes em que o principal personagem, que é o Conde de Farrobo, brilha pelas extraordinarias qualidades do seu temperamento de artista e pelo desejo de imprimir á sociedade d'então as seduções que ainda não tinham sido experimentadas.

Agradecemos a oferta.

G. M.

ASSIGNATURA

PORTUGAL (Cont.)—Semestre.....	Esc. 1\$50
Ano.....	Esc. 3\$00
COLONIAS—Ano.....	Esc. 4\$50
EXTRANGEIRO—Ano.....	Esc. 6\$00

Numero avulso \$30 (300 réis)